

Universidade Federal de Campina Grande  
Disciplina: Informática e Sociedade  
Professor: Robert Menezes  
Curso: Ciência da Computação  
Aluno1: Cilas Medeiros de Farias Marques  
Aluno2: Brenno Harten Pinto Coelho Florêncio

### **RT3 – Resumo de Sociedade em Rede**

Texto: A empresa em rede: A cultura, as instituições e as organizações da economia informacional.

Manuel Castells, autor do livro “Sociedade em Rede”, inicia o terceiro capítulo da obra caracterizando a economia informal como cultura e instituições específicas, que surgiram em contextos culturais/nacionais diferentes, porém, não devesse entender cultura como o conjunto de valores e crenças ligadas a uma determinada sociedade, nessa estrutura analítica. Tal cultura é necessária para o desenvolvimento e constituição de um sistema econômico, realizado nas lógicas organizacionais de acordo com o conceito de Nicole Biggart: *“...por lógicas organizacionais, refiro-me a um princípio legitimador elaborado em uma série de práticas sociais derivativas. Em outras palavras, lógicas organizacionais são as bases ideacionais para as relações das autoridades institucionalizadas.”*

Pode-se afirmar então, que a economia informacional surge do desenvolvimento de uma lógica organizacional e da atual transformação tecnológica. São a convergência e a interação entre um novo paradigma tecnológico e uma nova lógica organizacional que constituem o fundamento histórico da economia informacional. Dessa forma, é possível entender a trajetória do industrialismo para o informacionalismo na reestruturação econômica dos anos 80, ocasionada segundo alguns estudiosos, a crise da lucratividade, devido o acúmulo de capital na década de 70, ou, de acordo com alguns analistas, pela exaustão do sistema de produção em massa, constituindo uma “segunda divisão industrial”.

Apesar das divergências de pensamento, ambas abordagens coincidem em alguns aspectos:

1. Divisão na organização da produção e dos mercados na economia global.
2. As transformações organizacionais interagiram com a difusão da tecnologia de informação, mesmo sendo independentes uma da outra.
3. O objetivo principal dessas transformações eram lidar com a incerteza causada pelas velozes mudanças no ambiente econômico, institucional, tecnológico da empresa.
4. Introdução do modelo de “produção enxuta”, visando economizar mão-de-obra, eliminar tarefas e suprimir camadas administrativas, mediante automação.
5. A administração dos conhecimentos e processos das informações são essenciais para o desempenho das organizações que operam na economia.

Apesar das muitas transformações organizacionais, que devem ser analisadas separadamente já que possuem estratégias diferentes de aumentar a lucratividade e produtividade, impulsionaram a reestruturação do capitalismo vigente nos anos 70.

O modelo de produção em massa, se fundamentava no ganho de produtividade, produção padronizada com base em linhas de montagem, sobre o controle de um grande mercado com uma forma de administração específica. Tais princípios adotados pelo método de administração científica, aderidos tanto por Henry Ford como por Lenin, se tornaram rígidos e dispendiosos para as características da nova economia, abrindo espaço para a produção flexível, a qual se adequa melhor a demanda do mercado, qualitativa e quantitativamente, ou ainda as transformações tecnológicas e as diversificações dos mercados.

Além disso, o aumento do poder econômico das pequenas e médias empresas, já que passaram a adotar um processo de produção flexível. Mesmo ainda sob o controle tecnológico e financeiro das grandes empresas.

Uma das tendências ao novo modelo econômico, é o "toyotismo" , que apresentou-se de forma adaptada aos princípios da produção flexível. Tendo como base o sistema de fornecimento "Kan-ban" (just in time), no qual os estoques são eliminados ou reduzidos substancialmente no exato momento da solicitação e com características específicas do comprador, o controle de qualidade total ao longo do processo produtivo, o envolvimento dos trabalhadores nesse processo, a mão-de-obra multifuncional sem especialização e em uma única função, prêmios por trabalho, e poucos símbolos de status na vida da empresa.

Sendo assim o "toyotismo" pode ser caracterizado como o sistema de gerenciamento que mais reduz as incertezas do que estimula a adaptabilidade. Um "pós-fordismo", que de certa forma tende a diminuir o estoque, a demora, as burocracias os defeitos e os danos a peças e máquinas, no qual o autor denomina tais tendências de "cinco zeros".

Na obra também é especificado os dois modelos de ligação de redes entre empresas, sendo o primeiro mais utilizado por pequenas e médias empresas, que trata-se das redes multidirecionais, e o segundo, é o modelo de licenciamento e subcontratação de produção sob o controle de uma grande empresa. Tais modelos só foram possíveis devido a interação entre as mudanças organizacionais e a tecnologia da informação, uma mistura que gerou a "empresa em rede", que processa e gera informações para melhor adaptação para o mercado mundial.

Sabendo que a organização econômica mundial baseia-se na cultura, história e nas instituições, a economia de rede "empresas em rede" bastante utilizada pelos asiáticos, assim como também a origem do toyotismo, determinaram três tipos de rede no leste asiático:

1. A rede japonesa: grandes empresas que são donas umas das outras, onde as empresas principais são dirigidas por administradores.
2. A rede coreana baseada nas "zaibatsus" japonesas, onde as empresas são controladas por uma holding financiada por bancos e companhias trading governamentais, pertencentes a uma pessoa ou família.
3. A rede chinesa: empresas familiares, rede de empresas de diversos setores onde o lema é "família cresce empresa cresce".

A diferença básica entre esses modelos de empresas em rede está fundamentalmente no papel do Estado em frente à economia. Por exemplo: no Japão o Estado foi responsável pelo início da industrialização, e hoje dá um suporte a essa indústria através da facilitação de empréstimos bancários, política de apoio fiscal e acordos internacionais; já na China o Estado sempre teve um papel inconstante, onde ora requisitava à indústria, ora impelia à elas rigorosos impostos, assim, dando-as pouco incentivo e fazendo essas últimas voltarem-se para as famílias, apesar de muitos progressos atuais serem devidos a planos econômicos governamentais.

Contudo, hoje as multinacionais fugiram do seu antigo modelo vertical, e apresentam-se como a principal dentre outras empresas em rede, formando alianças de cooperação entre elas, o que, mesmo assim, não mais lhes dá o título de centro da economia global. Afinal, o mercado é imprevisível, movido por estratégias e descobertas redirecionadas por redes globais de informação. Assim, podemos definir que o atual estágio do capitalismo é definido por alterações causadas pelo informacionalismo, que surgiu a partir das mesmas necessidades que norteiam o capitalismo: o espírito empresarial acumulativo, o constante apelo ao consumismo, a concorrência global de mercado e grau de intervenção estatal. Características que regem o coração da atual economia mundial, a "empresa em rede".